ACOSTA, E., *Schiller versus Fichte. Schillers Begriff der Person in der Zeit und Fichtes Kategorie der Wechselbestimmung im Widerstreit.*

Ulisses Razzante Vaccari

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ref/306>

DOI: 10.4000/ref.306

ISSN: 2258-014X

Editora

EuroPhilosophie Editions

Refêrencia eletrónica

Ulisses Razzante Vaccari, « ACOSTA, E., *Schiller versus Fichte. Schillers Begriff der Person in der Zeit und Fichtes Kategorie der Wechselbestimmung im Widerstreit.* », *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 4 | 2012, posto online no dia 01 setembro 2012, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ref/306> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ref.306>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.

© EuroPhilosophie

ACOSTA, E., *Schiller versus Fichte. Schillers Begriff der Person in der Zeit und Fichtes Kategorie der Wechselbestimmung im Widerstreit.*

Ulisses Razzante Vaccari

REFERÊNCIA

ACOSTA, E., *Schiller versus Fichte. Schillers Begriff der Person in der Zeit und Fichtes Kategorie der Wechselbestimmung im Widerstreit.* Amsterdam/New York: Rodopi, 2011, 302 pp., ISBN 9789042033924

- 1 Quem lê o título do recém-publicado livro de Emiliano Acosta – *Schiller versus Fichte* – pode logo imaginar tratar-se da chamada disputa das Horas, a *Horenstreit*, ocorrida entre Schiller e Fichte por volta da metade do ano de 1795. Esse, entretanto, não é propriamente o caso, pois Acosta nem investiga as causas da disputa nem lida diretamente com a chamada *Trieblehre*, a doutrina dos impulsos, que está na base dessa disputa. Do mesmo modo, não é objeto do livro de Acosta o texto que propriamente deu origem a essa disputa, o *Sobre o espírito e a letra na filosofia*, de Fichte, e tampouco a correspondência trocada por esses dois autores por ocasião da recusa de Schiller em publicar o texto de Fichte. Procurando, pelo contrário, defender o caráter irredutivelmente antagônico dos dois autores, aquilo que veio à tona na disputa, Acosta realiza antes uma reconstituição da sistematicidade dos pensamentos tanto de Schiller como de Fichte, oferecendo ao leitor uma interpretação alternativa à usual, que ele próprio chama de “tese da influência”, a *Einflussthese*.
- 2 Em que consiste essa tese? Defendida principalmente por Xavier Léon e H.-G. Pott, essa tese, segundo Acosta, sustenta que as *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, publicada por Schiller ao longo dos anos de 1794-5 na revista *As Horas* (*Die Horen*),

teriam sido fortemente influenciadas – senão mesmo causadas, no sentido forte do termo – pelo pensamento de Fichte, em especial pelo texto *Algumas preleções sobre a destinação dos sábios* (*Einige Vorlesungen über die Bestimmung des Gelehrten*) e pela *Fundação a toda Doutrina-da-ciência* (*Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*). Um dos argumentos de que haveria uma forte influência de Fichte sobre Schiller nesse período é aquele que aponta não apenas para o uso que este faz em sua obra da terminologia fichtiana, mas também para uma confissão do próprio Schiller numa famosa carta a Körner de 29 de dezembro de 1794 (que Acosta faz questão de situar logo no primeiro parágrafo de seu livro). Segundo essa confissão de Schiller, em sua obra, isto é, nas *Cartas estéticas*, “tudo gira em torno do conceito de ação recíproca [*Wechselwirkung*] entre o absoluto e o finito, em torno dos conceitos de liberdade e de tempo, de força de ação e paixão” (1).

- 3 Ora, esse conceito a que Schiller se refere aqui – o conceito de ação recíproca –, que em suas palavras constituiria o núcleo de todo o seu trabalho desse período, era um conceito central da *Fundação a toda Doutrina-da-ciência* de Fichte. Na décima segunda carta de *A educação estética da humanidade*, o próprio Schiller reconhece, uma vez mais, ter tomado esse conceito justamente dessa obra de Fichte: “Esse conceito de ação recíproca, e toda importância do mesmo, encontra-se excelentemente exposto na *Fundação a Toda Doutrina da Ciência*, de Fichte, Leipzig, 1794”¹. São nesses dados, segundo Acosta explícitos apenas aparentemente, que a chamada teoria da influência alega encontrar o material suficiente para defender a tese de que o pensamento de Schiller – segundo ela assistemático por excelência – carece de autonomia, podendo ser reduzido às linhas gerais da *Doutrina-da-ciência* de Fichte. Como procura mostrar Emiliano Acosta, esse tipo de interpretação baseia-se numa concepção causal da história da filosofia, que a toma como “um *continuum* temático” (2), isto é, como se fosse possível derivar logicamente os fatos a partir de um único princípio, que desde sempre é tomado como pressuposto. Em outros termos, não seria uma interpretação inteiramente isenta, que concedesse ao seu objeto de investigação toda a sua liberdade própria.
- 4 Pelo contrário, desde o começo de seu livro Emiliano Acosta procura deixar claro que sua interpretação pretende ser uma alternativa a essa via da causalidade. Ao invés de procurar enxergar a relação entre os dois autores pela ótica da influência – o que não deixa outra alternativa a não ser reduzir o pensamento de Schiller ao de Fichte – Acosta focaliza sua leitura no elemento deixado de lado pelas interpretações tradicionais: na *diferença* irredutível entre ambos, que culminou na disputa das Horas. Nesse sentido, o livro em questão, segundo seu autor, procura seguir à risca o preceito platônico segundo o qual é preciso “proteger-se contra as semelhanças”, pois, como dizia o filósofo grego, esse terreno constitui “um solo particularmente escorregadio” (1).
- 5 Portanto, é o foco nas diferenças que permitirá ao autor e ao leitor compreenderem que Schiller e Fichte não podem ser reduzidos um ao outro, que eles não possuem pontos de contato comuns, justamente porque cada qual possui um ponto de partida absolutamente diferente do outro. Enquanto Fichte baseia sua filosofia inteiramente no princípio da unidade, a marca predominante do pensamento de Schiller é a dualidade. Em meio a essa diferença irredutível, na medida em que um procura impor seu pensamento como uma totalidade de sentido (*Sinn-Totalität*), o outro deve ser necessariamente excluído. Não existe, nesse caso, possibilidade de convivência num e mesmo terreno, de modo que aquilo que pauta a relação entre Schiller e Fichte não é mais o esquema da causalidade, mas, antes, o da antinomia, no sentido kantiano do termo. Conservando o caráter contraditório da disputa e não procurando reduzi-la a

um dos lados apenas, a relação antinômica entre as duas totalidades de sentido é compreendida no sentido do termo grego ἀγών, isto é, da luta, da disputa ou conflito. Enveredando pelo mesmo caminho já trilhado por autores tais como H. Boeder, G. Deleuze, F. Guattari e K.-E. Kaehler, o livro de Acosta toma para si o preceito segundo o qual a história da filosofia não pode ser reduzida a uma história da identidade. Pelo contrário, tal como diria um desses autores, ela seria antes a história “da rivalidade dos homens livres, um atletismo generalizado: o agôn” (42). Nesse sentido, a história da filosofia não é vista como uma dedução lógica dos fatos a partir de um princípio pressuposto desde sempre, mas a partir da capacidade dos sistemas filosóficos de “se colocarem inevitavelmente em crise” (ibid.).

- 6 Com isso, o autor atinge o núcleo da tese da influência, isto é, o método causal de historiografia da filosofia. Pois, ao centrar sua leitura na capacidade que os sistemas filosóficos possuem de se porem em crise, o motor da história da filosofia deixa de ser o princípio da influência e da identidade. No mesmo sentido, as *Cartas sobre a educação estética do homem* deixam de ser vistas como *causadas* pela filosofia de Fichte, mas em toda a sua sistematicidade e autonomia próprias: “ao invés de uma relação ‘causa-efeito’, vê-se surgir uma tensão, isto é, uma oposição entre duas constelações autônomas de sentido” (45). Não por acaso, isso é feito mostrando-se que o conceito de ação recíproca utilizado por Schiller tem um sentido próprio em sua obra; que ele não obedece às mesmas leis sob as quais está submetida a determinação recíproca na *Doutrina-da-ciência*. Nas palavras de Acosta:

Por isso, contra a tese da influência deve ser mostrado não apenas que as *Cartas estéticas* são conceitualmente autônomas, isto é, que seus conceitos podem ser compreendidos sem o recurso à GWL [*Grundlage der gesamte Wissenschaftslehre*], mas também que o conceito de ação recíproca possui um significado próprio e uma função no interior das *Cartas estéticas*, que se opõem desse modo à concepção fichtiana de ação recíproca, de modo que o reconhecimento da validade do conceito schilleriano traz consigo inevitavelmente a supressão do conceito fichtiano. (50)

- 7 Em que sentido então deve ser compreendido o conceito schilleriano de ação recíproca, de modo a restaurar a independência de seu pensamento em relação à *Doutrina-da-ciência*? Entendido, no caso de Schiller, como estreitamente ligado à ideia da *Person in der Zeit*, isto é, não apenas pertencente ao elemento inteligível, mas *também* ao sensível, o conceito de ação recíproca é “um resultado necessário de *todo* o caminho [...] enveredado pela reflexão schilleriana” (52). Pois a preocupação de Schiller em sua obra é justamente pensar como o elemento estético se torna capaz de restaurar a totalidade perdida do homem, totalidade essa que pode ser compreendida como a perfeita medida ou como uma harmonia entre o racional e o sensível. Na medida em que se trata de um elemento por meio do qual o racional e o sensível se *limitam* mutuamente, a ação recíproca permitirá pensar um e outro harmônica e simultaneamente, sem incorrer no erro do intelectualismo, que cria para o homem um mundo inteligível “em que ele, como ser sensível-racional, não pode habitar” (71).
- 8 É por esse motivo que o sentido que Schiller dá à ação recíproca difere absolutamente daquele de Fichte. Enquanto para Schiller a ação recíproca não permite ao filósofo ultrapassar a dualidade ‘pessoa-estado’, essencial para sua concepção de beleza, para Fichte, pelo contrário, esse “ultrapassamento (ou dissolução) dessa dualidade (e de toda dualidade) na unidade absoluta do eu” é o “elemento fundamental na exposição dos princípios da GWL” (191). Assim, essa comparação entre os dois usos da ação recíproca pode ser definida como uma “comparação entre dois modos incompatíveis de ação

recíproca: um cuja finalidade é o equilíbrio entre os opostos e no qual não há nenhuma diferença fundamental entre ambos (Schiller) e um outro cuja finalidade [...] é a superação da dualidade causada pela ação recíproca por meio da submissão teórica e prática do não-eu ao eu” (190).

- 9 O livro de Acosta, portanto, embora se baseie em uma concepção já existente da história da filosofia, apresenta a difícil relação entre Schiller e Fichte de um modo particularmente novo, não temendo afirmar justamente o contrário daquilo que se tornou costume nas interpretações tradicionais. Nesse sentido, seria ainda preciso salientar que, apesar de toda proximidade, seu trabalho se difere também do de Dorothea Wildenburg, para quem a diferença entre Schiller e Fichte baseou-se sobretudo numa falha de comunicação. Para Acosta, afinal, isso apontaria de algum modo para a possibilidade de redução do pensamento de um ao do outro, dado que as diferenças entre um e outro poderiam ser resolvidas se se resolvesse o problema da comunicação entre ambos. Para Acosta, porém, como se viu, as diferenças entre Schiller e Fichte não podem ser reduzidas de nenhum modo, justamente porque são dois sistemas completamente autônomos. Segundo sua concepção, nenhuma linguagem seria capaz de resolver as discordâncias absolutas que reinam entre esses dois autores, pois, fazê-lo, significaria justamente interromper o funcionamento do motor da história da filosofia.
-

NOTAS

1. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p.67-8 (trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki).
-

AUTORES

ULISSES RAZZANTE VACCARI

Universidade de São Paulo